

## A PARCERIA ENTRE O TOXICÔMANO E A DROGA

Luzia Silva dos Santos  
Renata Wirthmann G. Ferreira  
Tiago Ribeiro Nunes  
UFG – Universidade Federal de Goiás/RC

### Resumo

Propomos investigar no presente estudo a parceria entre o toxicômano e a droga. Para tanto, examinaremos, a partir das elaborações psicanalíticas, vinhetas de entrevistas realizadas com pacientes da Clínica de Reabilitação Fundação Jovem na cidade de Catalão/GO. Ao todo, oito pacientes (todos do sexo masculino, entre 19 e 53 anos de idade) consentiram em participar das entrevistas que foram realizadas entre os meses de julho a setembro de 2014. O presente trabalho se justifica por permitir esclarecer algumas relações existentes entre a parceria do toxicômano e a devastação do corpo com a conseqüente ruptura dos laços sociais que dela decorre. Ao final, propomos que as políticas públicas de combate às drogas sejam revisadas a partir do conceito lacaniano de gozo.

*Palavras-chave:* Toxicomania. Psicanálise. Gozo.

### Abstract

#### The Partnership Between the Drug and the Drug Addict

This article intends to investigate the association between the drug addict and the drug. For this purpose we will examine, based on the psychoanalytic elaborations, excerpts from the interviews conducted with some patients of the Rehabilitation Youth Foundation Clinic in the city of Catalão/GO. Altogether, eight patients (all male, between 19 and 53 years old) consented to participate of interviews that were conducted between July to September/ 2014. This work is justified for allowing to clarify some relations between the partnership between the drug addict and the body's devastation and the subsequent breakdown of social bonds that it dictates. Finally, we propose that the anti-drug public politics be reviewed based on the Lacanian concept of *jouissance*.

*Keywords:* Drug addiction. Psychoanalysis. *jouissance*

### Introdução

*Não posso pôr em palavras qual era o sistema, mas eu vivia num sistema. Era como se eu me organizasse dentro do*

*fato de ter dor de estômago porque, se eu não a tivesse mais, também perderia a maravilhosa esperança de me livrar um dia da dor de estômago: minha vida antiga me era necessária porque era exatamente o seu mal que me fazia usufruir da imaginação de uma esperança que, sem essa vida que eu levava, eu não conheceria.*

*Clarice Lispector,*

*A paixão segundo GH*

Conforme destacado por Guimarães e Borine (2000), o Brasil enfrenta hoje um surto epidêmico no uso de drogas ilícitas, em curso desde os anos de 1980. Decorre disso que o uso e a dependência de substâncias psicoativas tendem a constituir parte significativa da demanda de atendimento psiquiátrico e psicológico nas próximas décadas, incidindo de modo crescente sobre vários setores do serviço público. As políticas públicas atualmente empregadas pelo Brasil no enfrentamento da dependência química abrangem desde campanhas educativas até internações involuntárias dos drogaditos. Entretanto, a despeito de tais iniciativas o consumo de drogas permanece crescendo no país. Diante desse quadro, cabe perguntar quais seriam os

fatores implicados no pouco alcance das políticas públicas de combate às drogas.

No intuito de contribuir para o esclarecimento dessa questão, propomos investigar a parceria entre o toxicômano e a droga. Para tanto, examinaremos, a partir das elaborações psicanalíticas, vinhetas de entrevistas realizadas com pacientes da Clínica de Reabilitação Fundação Jovem na cidade de Catalão/GO. Ao todo, oito pacientes (todos do sexo masculino, entre 19 e 53 anos de idade) consentiram em participar das entrevistas que foram realizadas entre os meses de julho a setembro. O presente trabalho se justifica por permitir esclarecer algumas das relações existentes entre a parceria do toxicômano e a devastação do corpo/ruptura dos laços sociais que dela decorre. Ao final, propomos que as políticas públicas de combate às drogas sejam revisadas a partir do conceito lacaniano de gozo.

### **O Saber Médico e o Uso de Drogas**

A ciência médica vem tentando compreender o abuso de substâncias por meio do mapeamento das alterações químicas e fisiológicas que a droga impõe ao sistema nervoso. Decorre disso que ela não sustente um juízo de valor sobre o uso

das drogas em si, contentando-se apenas em descrever sua ação. Pautada por um ideal no qual a normalidade confunde-se com a utilidade, o saber médico considera patológicos aqueles comportamentos considerados disfuncionais. Nesse contexto, nada haveria de problemático naquele indivíduo que fizesse uso da droga sem dela abusar (Santiago, 2001). Assim, é na medida em que o uso de substâncias torna-se excessivo e, portanto, disfuncional, que a toxicomania passa a ser considerada uma patologia que precisa ser tratada.

Holmes (1997), por sua vez, também entende que o abuso de substâncias psicoativas é um dos problemas mais graves que a sociedade ocidental se defronta hoje. Todavia, conforme ele salienta, o consumo de substâncias químicas poderia ser aceito caso dele adviessem benefícios sociais e se o uso se enquadrasse em parâmetros “normais”: nessa perspectiva, o excesso é o problema que deveria ser combatido.

Mas até que ponto seria justificado contar com a moderação no caso desse animal de linguagem em cuja história o excesso parece ser a maior das constantes? Afinal, conforme enfatiza o Homem do Subsolo, “[...] o homem, seja ele quem for, sempre e em toda parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca

segundo lhe ordenam a razão e o interesse [...]” (Dostoiévski, 2000, p. 39). A julgarmos pelo caráter estritamente datado do projeto estoico, o homem mostrou-se frequentemente mais íntimo do excesso do que da ausência de inquietude. Decorre disso que o abuso de substâncias ilícitas figure apenas como forma privilegiada de expressão do inevitável compromisso do homem com aquilo que não apenas não lhe rende nenhuma vantagem como pode acarretar-lhe ainda prejuízos incalculáveis. A psicanálise propõe, portanto, salientar a responsabilidade de cada sujeito sobre suas escolhas evitando, por conseguinte, a vitimização rasteira do usuário.

Em entrevista realizada na Clínica de Reabilitação Fundação Jovem na cidade de Catalão/GO, um dos pacientes relata: “Eu roubei para usar drogas, eu nunca imaginei que eu pudesse fazer isso em minha vida”. Em seu discurso, o roubo aparece imediatamente justificado pelo vício, afinal ele só fez o que fez porque estava sob o comando da substância. Outro paciente dirá:

Eu estava sem usar drogas por um tempo, mas ontem aconteceu uma coisa que pareceu ser obra do Demônio, eu não tive escolha. Apareceu na rua, na calçada, um cigarro de crack. Eu cheirei e, quando eu vi, já era. Fumei ele e

procurei mais. Quando a gente não quer usar, sempre aparece na nossa frente. Mas quando a gente quer[...]

Impotente, ele fala como se não lhe coubesse qualquer escolha: dominado pela substância, ele padece pela abstinência assim como pelo uso. O sequestro de sua vontade o levará a fazer o que quer que seja necessário para manter o circuito no qual alternam-se o uso da substância e a sua abstinência.

Ao desconsiderarem que a dependência química explicita a natureza pulsional do homem, as campanhas publicitárias tendem inevitavelmente ao fracasso: não se trata de convencer pois uma vez subvertido pela incidência da linguagem sobre o corpo vivo, o instinto cede lugar a uma paradoxal pulsão, cuja satisfação pode muito bem coincidir com aquilo que é danoso ao corpo e aos laços sociais. A psicanálise, distanciando-se da pedagogia tão recorrente nos discursos sobre as drogas, propõe devolver o lugar de sujeito ao usuário, oferecendo a ele a possibilidade de assumir-se responsável pelo seu desejo: não mais alienado em sua parceria com as drogas. Mas isso só pode se dar a partir do respeito pelas diferenças e singularidades. A psicanálise “é irreduzível quanto à questão da responsabilidade, afirmando que o homem

é sempre responsável por sua posição de sujeito, e que o erro da boa fé é, entre os psicanalistas, de todos o mais imperdoável” (Santana, 2011, p.04).

### **A Paixão pelo Inútil**

A psicanálise entra no século XXI reconhecendo que há um novo desafio para a clínica devido ao “crescimento em larga escala das passagens ao ato” (Santana, 2011, p.09). Isso pode ser visto, de modo muito claro, com o aumento de casos de toxicomania, anorexia, bulimia, lesões psicossomáticas, entre outros. Desse modo podemos afirmar que a psicanálise “vive a época do sintoma mudo, paralisado pelo curto-circuito da satisfação imediata” (Santana, 2011, p. 08). Tais curto-circuitos realizados em nome do gozo, determinarão as bases dos laços sociais, das relações afetivas e, claro, do próprio consumo.

Na contramão dos discursos adaptativos, ao identificar no homem o compromisso com aquilo que o destrói, a psicanálise sublinhará exatamente a sua não assertividade. Sintoma maior do nosso tempo, a toxicomania encarna a recusa do humano ao regime da utilidade. Sua paradoxal paixão pelo inútil, no entanto, parece ser um efeito colateral do próprio processo civilizatório. Para Freud

(1930/2010) a cultura começa com a falta: o movimento civilizatório consiste precisamente na renúncia, pelo indivíduo, a uma parcela significativa de sua satisfação em benefício da coletividade. Em contrapartida, a cultura estabelece os meios socialmente aceitos de se satisfazer. Por esse motivo, caberá a cada sujeito arranjar-se com aquilo que a cultura lhe oferece: ele poderá satisfazer-se com o trabalho e com a arte assim como com a intoxicação e a automutilação (Dunker, 2002). Na medida em que exige de cada indivíduo a renúncia de uma significativa parcela de sua satisfação pessoal em benefício do bem comum, resta ao homem uma relação com objetos, mediada pela cultura, que será sempre insatisfatória.

Um dos indivíduos entrevistados na Clínica de Reabilitação Fundação Jovem afirma: “Pra eu conseguir sair das drogas, eu faço outras coisas. Como eu estava fazendo sexo, me viciiei no sexo pra deixar as drogas. Agora eu tô viciado no celular. Mas a droga é a melhor coisa entre as três (começa a rir)”. Sua fala testemunha que “a vida, tal como nos é imposta, é muito árdua para nós, nos trás muitas dores, decepções e tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos prescindir de lenitivos” (Freud, 1920/2010, p. 60). Tal como ele exprime, a parceria com as drogas somente poderia ser rompida caso

houvesse uma outra para servir de suplência, menos devastadora mas não menos satisfatória. Ocorre que entre duas satisfações tão poderosas como o sexo e as drogas, prevalece para ele, aquela da substância.

Subvertidos os protocolos do instinto, não há mais qualquer complementaridade, para o homem, entre as suas necessidades e os objetos disponíveis no mundo. Decorre disso que ele esteja irreversivelmente marcado pelo signo da falta. As satisfações disponíveis se mostrarão sempre parciais e menos frequentes do que o sofrimento que o ameaça a partir de três lados, a saber:

[...] a partir do próprio corpo, que, destinado à ruína e à dissolução, também não pode prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; a partir do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças superiores, implacáveis e destrutivas, e, por fim, das relações com outros seres humanos (Freud, 2010/1930, p. 63-64).

Tal como assinala Freud, a fim de tornar suportável uma vida tão mais repleta de sofrimento do que de felicidade, as drogas constituem “o método mais grosseiro, mas também o mais eficaz [...]” (Freud, 2010/1930, p. 66). Isso porque, a influência dos tóxicos resulta não apenas

em um ganho de prazer mas também em “[...] uma parcela ardentemente desejada de independência em relação ao mundo humano” (Freud, 1930/2010, p. 66). Ou seja, em termos gerais, a droga curto-circuita o sexo na medida em que por meio dela o sujeito franqueia uma satisfação que não passa pelo Outro. Sem o amparo do saber instintual e condenado à falta-a-ser, a oferta de uma satisfação não mediada pelo Outro parece irrecusável: vencer a negatividade do desejo por meio do recurso à substância.

Um dos pacientes entrevistados afirma:

Eu bebo muito. Eu sempre bebi bebidas fracas, como cerveja. Mas, depois que eu comecei a trabalhar no garimpo, nós íamos, tipo, pra Amazônia e levávamos várias cervejas. Mas elas acabavam e o que a gente ia fazer? A solução foi começar a beber cachaça. Então eu comecei a beber muito. Eu ganhava muito dinheiro no garimpo e gastava muito com bebida.

Da bebida preferida ele passa a uma outra, mais potente. Desse momento em diante, o ato de se intoxicar tornou-se sua prioridade e tudo aquilo que encontra-se fora da parceria estabelecida com o álcool passa a ser secundário. Nesse ponto

fecha-se o circuito que fará dele um devoto fiel da bebida, disposto a entregar tudo o que tem por mais um copo. Pouco importam os prejuízos, afinal, para o animal de linguagem que o homem se tornou, “o corpo está autorizado a satisfazer-se com aquilo que o arruína e a sofrer com aquilo que, na ordem natural das coisas, lhe faria bem” (Nunes, 2012, p. 163). Menos do que o bem-estar, o gozo revela a vocação radical do falante para o autoaniquilamento. Separado do saber instintual que fixava para ele modos específicos de satisfação intimamente relacionados à manutenção do organismo e à sobrevivência da espécie, ainda que isso represente uma ameaça permanente à subsistência individual e coletiva, o homem passa a repetir compulsivamente aquilo que o arruína: “[...] a despeito do esclarecimento trazido pela razão, [essa] será a um só tempo a paixão e o destino de cada homem” (Nunes, 2012, p. 151). Resulta disso o caráter arbitrário do gozo: ele é totalmente sem porquê, uma paixão incondicional pelo que não serve para nada. Prova disso é o relato de outro paciente entrevistado, segundo o qual:

Sempre que eu tentava controlar, parar de usar, eu não conseguia. Igual, aconteceu isso no dia que eu tive uma recaída, no dia de meu aniversário. Eu

estava com um emprego garantido [...] quando tudo está bem, eu largo tudo para voltar a usar.

Ao contrário do que acredita o senso comum, as pessoas se drogam quando estão bem, as pessoas se drogam quando estão mal, as pessoas se drogam! Tal como se observa nos melhores casos de devoção, o drogadito persevera na fidelidade ao tóxico.

### **A Parceria com a Substância**

Parafraseando Winnicott, Gurfikel (2011) argumenta que o objeto *em si* não define a adicção mas sim o uso que dele se faz. No caso da toxicomania, é evidente que a ação química da substância no sistema nervoso central, bem como a desordem causada pela abstinência, são elementos bastante significativos. No entanto, a ação química da droga não é o fator principal que institui a drogadição. Conforme já dissemos anteriormente, a devoção à droga, a despeito de tudo o que ela acarreta de danoso, explicita o modo pulsional de funcionamento do homem. Neste ponto convém lembrar algumas das principais características dos objetos da pulsão. Em linhas gerais, os objetos investidos pela pulsão são destacáveis do corpo: o seio, as fezes. Decorre disso que a

satisfação pulsional seja sempre parcial: entre a satisfação exigida e aquela obtida haverá sempre um déficit. Todavia, conforme assinala Freud, movido pela compulsão à repetição, o falante tende a repetir indefinidamente o encontro falhado com o objeto (Freud, 2010/1920).

Tal como define Lacan, a fantasia faz anteparo à falta no Outro (Lacan apud Nunes, 2012). Isso significa que, por meio de uma relação instituída entre o sujeito e o objeto da pulsão, a falta no Outro seria dissimulada. Trata-se pois de uma estratégia bastante complexa a fim de restituir ao Outro, não-todo (afinal falta-lhe um saber capaz de positivar a negatividade do desejo), sua consistência. De modo geral, as satisfações disponíveis passam por caminhos estabelecidos pelo Outro. Entretanto, tais satisfações estão em franca desvantagem quando comparadas àquelas em que se pode prescindir do Outro. De acordo com Freud, “o sentimento de felicidade originado da satisfação de um impulso selvagem, não domado pelo eu, é incomparavelmente mais intenso do que aquele que resulta da saciação de um impulso domesticado” (Freud, 1930/2010, p. 68). Ou seja, as satisfações mais elevadas (tais como aquelas que se poderia obter com as artes, por exemplo), quando comparadas àquelas mais grosseiras, carecem de intensidade: “[...] elas não

agitam a nossa corporiedade” (Freud, 1930/2010, p. 69).

Neste ponto coloca-se a diferença mais significativa entre prazer e gozo. Enquanto que o primeiro resulta da redução do nível de estimulação a um patamar imediatamente inferior, o segundo impele a uma descida tão vertiginosa quanto incompatível com a vida. Isso justifica pensar que é precisamente o afastamento das formas extremas de gozo aquilo que constitui condição indispensável para a sobrevivência do corpo vivo. Afinal, o gozo é indiferente à autopreservação. Conforme atesta um dos pacientes da clínica de reabilitação, “[...] as drogas são ruins e se eu as uso de certa forma é como um autoextermínio”. Não se trata pois de falta de esclarecimento sobre os males que as drogas acarretam à sua saúde. Ele sabe dos prejuízos melhor do que ninguém, no entanto isso não o impede de seguir se drogando. Este parece ser o paradoxo: a mesma intensidade que vivifica o corpo, termina por destruí-lo. É disso que os entrevistados da clínica de reabilitação dão notícias: invariavelmente uma parceria destruidora com a substância que, por prescindir da mediação do Outro, da cultura, implica uma satisfação incompatível com a manutenção da vida. Isto é exatamente o que se observa nos

casos de intoxicação crônica (Santiago, 2001).

Um dos entrevistados relata:

Ah [...] a maconha era ótima, me dava prazer, inspiração e calma quando eu ia pintar. Eu ficava mais criativo. Mas quando eu experimentei o crack, o efeito foi o contrário. Ele causou emoções ruins, me deixava paranóico, eu não era criativo e tinha sensações muito ruins. E depois que eu experimentei o crack, a maconha deixou de fazer efeito e eu não consegui mais a paz que ela me trazia. O crack era tudo de ruim pra mim e mesmo assim eu usava. Parece que a gente gosta de sofrer.

Na descrição acima, podemos claramente identificar a antinomia entre o gozo e o prazer. Nada do que o paciente narra a respeito de sua relação com o crack tem a ver com qualquer espécie de prazer advindo do uso da substância. Muito pelo contrário, o uso do crack acabou com a sua criatividade e resultou em desprazer. Todavia, ele afirma: “parece que a gente gosta de sofrer”. Não se trata, portanto, de um ato orientado para a busca do prazer mas daquele motivado por uma experiência com uma intensidade para além de todo bem-estar. Nada mais

coerente com isso do que o abandono dos cuidados com o próprio corpo: higiene e saúde são postos de lado na medida em que o gozo do toxicômano fratura seus laços com a cultura. Conforme aponta Freud, na medida em que a libido constitui uma quantidade fixa, quanto mais investido o objeto, menos investido estará o eu (Freud, 1914/2010).

Um dos pacientes entrevistados dirá, “Eu e minha esposa começamos a brigar muito, então eu resolvi sair de casa. Agora eu tô vivendo sozinho. Eu sofri quando saí de casa, é sofrimento ficar sozinho. Quando eu bebo, eu consigo esquecer disso”. Ele afirma usar o álcool para remediar o fato de estar morando sozinho. Contudo, foi ele quem decidiu se separar da esposa. Nesse sentido, o álcool não é o substituto da relação conjugal, mas é esse objeto que possibilitou ao paciente cortar os laços com o social. Outro paciente relata: “Eu decaí a última vez por causa do meu filho, não estava suportando a saudade de ficar longe dele. Eu uso as drogas quando eu estou insatisfeito assim. Mas às vezes eu acho que eu fico insatisfeito para poder usar drogas.” A afirmação merece destaque: ao mesmo tempo em que usa o tóxico para remediar a saudade do filho, ele se serve das frustrações como justificativa para fazer uso de drogas. Forma-se, assim, um ciclo

que tem como objetivo manter a toxicomania. Podemos observar semelhanças nas falas desses dois pacientes: ambos utilizam um familiar - a esposa, o filho - como justificativa para lidar com a culpa e escamotear sua responsabilidade no consumo de drogas tendo, como consequência, o afastamento ativo de pessoas com as quais possuem vínculos afetivos e sociais.

O uso abusivo do tóxico não é uma saída estável e definitiva para o caráter insuportável da neurose e da perda da satisfação plena, já que há efeitos devastadores para o sujeito e o direcionamento para a própria morte do corpo vivo (Santiago, 2001). Miller (1998) argumenta que, segundo Lacan, a parceria sintomática implica um modo específico de gozo. Por isso, a parceria sintomática não é estabelecida ao acaso, o indivíduo não é uma vítima do destino: a parceria permite a realização de um modo de gozo em relação ao qual o sujeito encontra-se intimamente conectado. Isso significa dizer que “eu sou tal como gozo”.

Um dos entrevistados afirma:

Eu sempre fui o filho preferido e fui o que causou mais decepções, eles (seus pais) dizem pra eu não ir onde eles moram porque não querem que eu me meta em confusão (uso de drogas,

homicídio, tráfico de drogas), mas eu já estou metido em confusão aqui.

Em continuidade ao descumprimento da norma paterna ele quebra também as normas sociais. Ele dá de ombros para as exigências que o Outro lhe endereça. Curto-circuitando, ele acessa uma satisfação não mais mediada pelo Outro: desfazem-se assim os laços que o prendem à ordem simbólica, ou seja, ao saber inconsciente. Isso explica a tese apresentada por Santiago (2001), segundo o qual a toxicomania equivaleria a um casamento feliz. Isso na medida em que a parceria com a substância simula o encontro bem realizado entre o sujeito e aquilo que lhe falta. Ao contrário do que ocorre nas demais escolhas de objeto, desse encontro não resulta nenhum tipo de desacordo ou frustração. Isso pode ser verificado em mais uma afirmação feita por um dos pacientes da clínica de reabilitação: “Se Deus colocasse uma mulher de confiança na minha vida [...] Nunca apareceu [...] Mas eu penso nisso. Uma forma talvez que eu consiga parar de beber seria se eu tivesse uma família. Aí eu teria um motivo para ficar em casa”. Muito embora ele ateste o desejo de romper o compromisso com a droga pela relação com uma mulher, cabe perguntar se essa mulher que ele idealiza jamais se

manifestou ou se foi ele quem nunca esteve disponível para uma ligação erótica dessa ordem. Afinal, uma tal ligação erótica passa invariavelmente pelo campo do Outro. Há um universo inteiro de linguagem naquilo que constitui a relação entre dois corpos. E é precisamente esse universo que é cortado quando o sujeito estabelece sua parceria com a droga.

Um dos internos afirma:

Eu quero escrever uma nova história, me relacionar com mulheres que não tenham vício, fazer uma obra para Deus. Eu jurei pro meu pai que eu nunca mais ia errar. Agora eu quero ser um novo homem, esquecer todo esse passado. Deus sabe que eu sou um novo homem.

Na aversão ao passado de vício vemos uma tentativa de restaurar pelo pacto com Deus e com o pai o vínculo com o simbólico que havia sido desfeito pela parceria com a substância. Embora frágil, essa estratégia que visa substituir a passividade diante da droga pela passividade perante Deus sinaliza a possibilidade de rearticulação do campo em torno de um Outro até então negligenciado. Na melhor das hipóteses, isso resultará no restabelecimento do laço

social: consequência mais imediata do desinvestimento da parceria com a droga.

### **Considerações Finais**

Ao longo do presente estudo, na tentativa de ampliar nossa compreensão acerca da parceria estabelecida entre o toxicômano e a sua droga, revisitamos as teses freudianas concernentes à escolha objetual e também àquilo que ele situa para além do princípio de prazer. Além disso, servindo-nos das falas dos pacientes da Clínica de Reabilitação Fundação Jovem na cidade de Catalão/Go, apontamos para a não equivalência entre o conceito lacaniano de gozo e o bem-estar. Nos discursos de tais pacientes, destacamos elementos que permitem demonstrar o curto-circuito produzido pela droga, cuja consequência mais imediata consiste na deterioração dos laços instituídos pelo Outro. Conforme argumentamos, a parceria com a droga implica uma incondicional devoção à lei do gozo. A partir do exposto, podemos afirmar que as diversas estratégias políticas de controle do uso da droga têm falhado ao desconsiderar que o gozo não encontra-se condicionado ao regime da utilidade. Negligenciando o fato de que o gozo é sem porquê, as políticas públicas tendem frequentemente a não obter os efeitos desejados: não se pode

negligenciar impunemente a paixão do homem por aquilo que não lhe serve para nada.

Tal como nos ensinam Freud e Lacan, o gozo é sempre suicida. No abuso de substâncias, vemos desatar-se o nó que prende o sujeito ao Outro. Substituem-se assim aquelas satisfações mediadas pelo Outro por outras mais simples: tão imediatas quanto intensas. Diante disso, propomos uma mudança de perspectiva: para além de uma pedagogia, que visa instruir acerca dos malefícios da droga, recomenda-se fornecer uma rede de atendimento que tenha como objetivo fundamental restituir ao usuário sua condição de sujeito desejante e, portanto, responsável por suas escolhas, por seu modo de gozo ou seja, por sua parceria com as drogas. A conclusão, que os estudos sobre uso, prevenção e tratamento, têm chegado é que não se obtêm resultados proibindo ou punindo o uso de drogas, mas talvez possamos obter melhores resultados convocando o sujeito, por meio do discurso, da linguagem, a não se fazer mais objeto das drogas. Parte significativa dos profissionais que lidam com a prevenção do uso de drogas entre os jovens consiste em propagandear os malefícios das drogas a partir de discurso de autoridade que não encontra a devida ressonância entre tais jovens. Mais do que uma

doutrinação acerca dos malefícios das drogas e da (ineficaz) proibição do uso, propomos uma mudança de perspectiva: é preciso dar voz a esses jovens de modo que eles possam, a partir do seu próprio discurso, assumirem-se como sujeitos desejantes a quem caberá se arranjar com seu próprio modo de gozo. G. Deleuze, em seu abecedário, nos fornece um excelente ponto de partida:

[...] nunca pude criticar as pessoas, não gosto de criticá-las. Acho que se deve ficar atento para o ponto em que a coisa não funciona mais. Que bebam, se droguem, o que quiserem, não somos policiais, nem pais, não sou eu quem deve impedi-los ou[...] mas fazer tudo para que não virem trapos. No momento em que há risco, eu não suporto. Suporto bem alguém que se droga, mas alguém que se droga de tal modo que, não sei, de modo selvagem, de modo que digo para mim: pronto, ele vai se ferrar, não suporto. Sobretudo o caso de um jovem, não suporto um jovem que

se ferra, não é suportável. Um velho que se ferra, que se suicida, ele teve sua vida, mas um jovem que se ferra por besteira, por imprudência, porque bebeu demais[...] Sempre fiquei dividido entre a impossibilidade de criticar alguém e o desejo absoluto, a recusa absoluta de que ele vire trapo. É um desfiladeiro estreito, não posso dizer que há princípios, a gente sai fora como pode, a cada vez. É verdade que o papel das pessoas, nesse momento, é de tentar salvar os garotos, o quanto se pode. E salvá-los não significa fazer com que sigam o caminho certo, mas impedi-los de virar trapo. É só o que quero (Deleuze, 1988, p. 23).

Esta é a proposta da psicanálise: um tratamento e um trabalho de prevenção que tenham como perspectiva a reintegração social do indivíduo, mas que não prescindam da escuta da narrativa de cada sujeito acerca de sua singular relação com o gozo.

## Referências

- Borini, P; Guimarães, R. C; Borini, S. B. (2000). Usuários de drogas ilícitas internados em hospital psiquiátrico: Padrões de uso e aspectos demográficos e epidemiológicos: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECN*. Rio de Janeiro: Científica Nacional, v. 50, p. 172.

- Deleuze, Gilles. (1988). *O Abecedário de Gilles Deleuze*. <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acessado em dezembro de 2015.
- Dostoiévski, F. (2000). *Memórias do Subsolo*. Tradução Boris Schaiderman. São Paulo: Ed. 34.
- Dunker, C. I. L. (2002). *O Cálculo Neurótico do Gozo*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (2010). *Introdução ao Narcisismo*. In: Ensaio da metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, v. XII, 2010. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) / Sigmund Freud; (trad. Paulo César de Souza)*. São Paulo: Companhia das Letras, 60 (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 63-69 (Original publicado em 1930).
- Gurfinkel, D. (2011). *Adições: paixão e vício*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- Holmes, D. S. (1997). *Psicologia dos Transtornos Mentais*. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed.
- Miller, J.- A. (1989). *O osso de uma análise*. Salvador: Biblioteca Agente.
- Nunes, T. R. (2012). *Bataille, Lacan e a Tautologia do Singular*. Tese (doutorado), 151-163. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia. Programa de Pós Graduação em Psicologia.

Santana, V. L. V. (2011). *Por que a psicanálise, hoje?* Opção Lacaniana online, n 6, ISSN 2177-2673, 04-09.

<[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_6/por\\_que\\_a\\_psicanalise\\_hoje.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/por_que_a_psicanalise_hoje.pdf)>.

Acessado em dezembro de 2015.

Santiago, J. (2001). *A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

**Os autores:**

**Luzia Silva dos Santos** é graduada em psicologia, pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/RC. E-mail: [luziasantos.psicologia@hotmail.com](mailto:luziasantos.psicologia@hotmail.com)

**Renata Wirthmann G. Ferreira** possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. É Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás-RC. E-mail: [renatawirthmann@gmail.com](mailto:renatawirthmann@gmail.com)

**Tiago Ribeiro Nunes** possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2004), Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2006) e Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (2012). É Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás-RC, onde trabalha desde 2006. E-mail: [ribeiro.nunes@gmail.com](mailto:ribeiro.nunes@gmail.com)

**Recebido em:** 30/11/2015

**Aprovado em:** 27/03/2016